

PORTA ABERTA

Motrivivência Ano XVII, Nº 25, P. 151-162 Dez./2005

LAZER: DISCUSSÕES ACERCA DA FORMAÇÃO DO PROFISSIONAL DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Fabiana Fernandes de Freitas
Yara Maria de Carvalho

Resumo Abstract

Este ensaio apresenta uma discussão sobre a formação do profissional de Educação Física para atuar no lazer, compreendendo este como um fenômeno situado no universo do processo de urbanização e da indústria cultural. Foi realizada revisão de literatura sobre lazer relacionado a mercado de trabalho, Educação Física e cursos de formação. Com base nas observações dos autores, discutimos, no âmbito da intervenção, a valorização dos espaços públicos não só como campo de atuação, mas também como locais em potencial para favorecer o acesso da

This article presents a discussion about the professional formation in Physical Education in order to work at the leisure activities, comprehending them as a phenomenon placed in the environment of the urbanization process and the cultural industry. The review of literature was accomplished on labor market, the relationship between Physical Education and leisure and concerning the contents which were emphasized in the curricula of Physical Education related to leisure activities. Taking into consideration the intervention, we discuss the value of the public spaces not only as fields of

população ao lazer e ampliar o seu olhar no que diz respeito ao tema.

Palavras-chave: Lazer, Educação Física, Formação Profissional.

performance, but also as potential places to favor the access of the population to the leisure and to enlarge its view about the theme.

Keywords: Leisure; Physical Education; Professional Formation.

Introdução

O lazer tem estado cada vez mais presente nos debates e pesquisas, principalmente associado à saúde ou à qualidade de vida. Entretanto, ainda que vinculado ao setor saúde – prioridade em termos de políticas públicas – o lazer, muitas vezes, é visto como elemento “secundário” na vida e carregado de preconceitos, o que reafirma a importância da realização de pesquisas neste campo. Paralelamente, nos últimos tempos ele vem se firmando como área de atuação de muitos profissionais, entre eles os profissionais de Educação Física. Nesse sentido, destaca-se a questão da formação, de como ela tem se estruturado e desenvolvido para preparar os profissionais que irão atuar na área.

De acordo com Isayama (2003), as iniciativas da Educação Física na área do lazer, tanto na graduação como na pós-graduação, têm aumentado: os currículos passaram a incorporar disciplinas específicas, surgiram cursos de especialização, mestrado e doutorado, assim como

a realização de eventos científicos e a produção de periódicos que enfatizam o tema lazer. Tudo isso acontece em meio às rápidas transformações científicas, inovações tecnológicas e ao crescimento urbano que geram modificações na vida cotidiana, em razão de consequências de natureza social, econômica, política e cultural. O lazer como um elemento da vida das pessoas também acompanha esse movimento.

Nesse contexto, ao tratarmos de formação profissional é preciso ir além dos aspectos acadêmicos que envolvem o tema, de modo que a formação e a intervenção profissional e, portanto, os conteúdos específicos privilegiados considerem as mudanças: de mentalidade, de modos de ser e viver. Assim, faz parte da proposta deste trabalho, primeiro, contextualizar o lazer dentro da urbanização e da indústria cultural, em particular, e depois destacar o que diferentes autores têm pesquisado e proposto em relação à formação profissional do educador físico para ocupar e atuar nos espaços de lazer.

Urbanização, indústria cultural e lazer

Partimos do pressuposto que a urbanização e a indústria cultural são dois aspectos determinantes dos modos de vida e, conseqüentemente, do lazer, isto é, caracterizam o modo como o lazer é vivido de forma predominante. Assim, primeiramente vamos relacionar, de forma concisa, o lazer entre tais fenômenos para depois traçarmos as relações com a formação profissional.

Para falarmos de urbanização e indústria cultural é preciso reconhecer o lugar onde elas acontecem: a cidade. Para Wirth (1979), a cidade não é apenas o lugar onde reside e trabalha o homem moderno, mas “[...] o centro iniciador e controlador da vida econômica, política e cultural que atraiu as localidades mais remotas do mundo para dentro de sua órbita e interligou as diversas áreas, os diversos povos e as diversas atividades num universo” (p. 91).

Segundo o autor, nossa civilização começa a caracterizar sua modernidade pelo surgimento dos grandes centros, com conseqüente afastamento da natureza devido às suas condições de vida. O crescente processo de urbanização interferiu na estrutura do ambiente e causou mudanças no estilo de vida e também na vida social. No que se refere

ao lazer, por exemplo, décadas atrás ele e a cidade eram tempos e espaços com predomínio de ruas mais tranquilas, brincadeiras fora de casa, maior número de áreas verdes disponíveis, sem a presença de brinquedos eletrônicos, entre outros elementos.

Hoje são diversas as alterações dos modos de ser e viver na cidade, onde os processos de industrialização e urbanização foram deixando mais clara a oposição entre “obrigações” e lazer. Há presença maior de espaços construídos especificamente para o lazer, como os shoppings e os parques temáticos, mas ainda que o tema lazer figure em primeiro plano, o que direciona de forma predominante a criação destes lugares é a questão comercial (SZMRECSANYI, 2001).

No entanto, Wirth (1979) destaca que as cidades fazem parte de um processo, não surgem de repente e, por isso, apesar de influenciar o modo de vida, muitos dos acontecimentos passados, que fizeram parte do processo para seu surgimento e crescimento, ainda estão presentes em nossa vida. Assim, certas práticas de lazer como as brincadeiras de rua, os passeios nas praças, entre outras, não desapareceram, mas a marca da tecnologia está cada vez mais presente nas formas de lazer. Isto pode ser observado nos brinquedos e nas brincadeiras que voltam a ser pra-

ticadas, muitas vezes até como um “novo” modismo, uma “nova” mania, como jogar peão, que deixa de ser de madeira e barbante para ser de plástico, acender luzes e emitir sons.

Paralelamente à urbanização, tem-se o crescimento da indústria cultural. Parker (1976) desenvolveu esse tema e em seu texto destaca o seguinte ponto: o lazer é visto como um concorrente (uma reação) ao trabalho. Com suas próprias características, o autor afirma que a produção em massa e o marketing possibilitam uma maior produtividade do lazer, e que desse modo ele

tende a exibir as mesmas feições e relações sociais que caracterizam o mundo do trabalho industrial: padronização, prática rotineira, prevalência de capital sobre a mão-de-obra, menor número de pessoas com participação ativa no controle das vidas de trabalho e lazer das massas do que de espectadores e indivíduos subservientes a algum processo mecânico ou social (PARKER, 1976, p.33).

Para o autor, o mercado do lazer, em particular, tem a seu favor o fato de ser muito amplo, assim, as oportunidades de escolhas individuais são muitas, mas seus produtos e serviços passam por fortes alterações que seguem os fenômenos da moda, disseminados pelos

meios de comunicação. Nesse sentido Lipovetsky (1989) afirma que o princípio que rege a indústria cultural é a novidade, e isso gera um consumo excepcionalmente instável, fazendo com que nela, mais que em qualquer outro setor, sobressaia-se a inconstância e a imprevisibilidade dos gostos.

Isso faz com que a indústria cultural tenha seus objetivos no presente, “sua finalidade explícita reside antes de tudo no lazer imediato dos particulares; trata-se de divertir, não de educar, elevar o espírito, ou inculcar valores superiores” (LIPOVETSKY, 1989, p. 210). O autor escreve ainda que existem conteúdos ideológicos, mas eles são secundários, é uma cultura feita para existir só no presente, que impõe um ritmo acelerado na vivência do lazer.

Nessa lógica há pouco tempo e espaço para que sujeitos e coletivos identifiquem o que querem ou o que realmente precisam para vivenciar o seu lazer. Seria necessário destacar um outro processo que contrabalanceasse essa via, “[...] um processo educativo de incentivo à imaginação criadora, ao espírito crítico, ou seja, uma educação para o lazer, que procure não criar necessidades, mas satisfazer necessidades individuais e sociais” (MARCELLINO, 1990, p. 62). Nesse sentido, o profissional precisa estar atento não só às transformações cotidianas, mas

também ao que o sujeito deseja e necessita, o que pode tornar a vivência do lazer mais significativa.

Compreender tais fenômenos pelos profissionais de Educação Física, quando tratam da questão lazer e formação profissional, torna-se relevante para que seus conteúdos não se restrinjam à visão fragmentada de lazer disseminada pela indústria cultural ou condicionada pelo processo de urbanização. Ao mesmo tempo é preciso reconhecer as novas formas e opções que se constroem também como resultado desse processo, e direcionam novas tendências no que se refere à formação da área.

Formação do profissional de Educação física para o campo do lazer

Neste item destacamos aspectos relacionados à formação profissional, tratados por diferentes autores que têm priorizado temas que relacionam lazer a mercado de trabalho, à Educação Física e a cursos de formação.

O primeiro ponto refere-se ao mercado de trabalho, relacionado tanto à Educação Física como ao Lazer. No campo da Educação Física, Andrade Filho (2001) observa as modificações que ocorreram na soci-

idade e que geraram também mudanças internas à área, inclusive alterando a estruturação curricular dos cursos de graduação. O autor destaca como exemplo a esportivização da sociedade, ocorrida após os anos 70, que interferiu nos hábitos de vida de população mundial. Houve uma diversificação e um aumento da oferta e procura pelas atividades físicas não escolares no âmbito da saúde e do lazer, criando mais possibilidades de atuação para os profissionais da área. Mas no que se refere ao aspecto da formação, o autor afirma que a universidade parece não ter conseguido se preparar para formar profissionais que atendessem tais mudanças.

Os investimentos da iniciativa privada também são destaque na questão da ampliação do campo de atuação, sendo determinantes na discussão e na compreensão do lazer e desencadeando significativas mudanças nas formas de vivenciá-lo. No entanto, segundo Pinto (2000), ao mesmo tempo em que os investimentos aumentaram, eles são unilaterais, no sentido que a prioridade é dada ao lucro, fazendo de corpos, desejos e conteúdos culturais mercadorias.

Nesse sentido cabe ressaltar que quando se fala em aumento do campo de atuação e conseqüentemente de "oportunidades criadas" para as pessoas, essas mostram relação com populações de maior po-

der aquisitivo e atividades oferecidas pelo setor privado, como frequentar academias de ginásticas, clubes temáticos e comprar pacotes turísticos que incluem a prática de atividades físicas orientadas, por exemplo. Disso decorre que outras potencialidades do lazer, não relacionadas ao consumo, não são valorizadas. Daí a importância de se compreender o lazer no contexto do interesse do mercado, para que o profissional construa uma concepção de lazer ampliada, que oriente sua ação para diferentes grupos e espaços.

Outro ponto diz respeito à relação entre Educação Física e Lazer. Segundo Marcellino (1987), as práticas físicas como atividades de lazer são bastante difundidas entre a população em geral e, em particular, entre os estudantes de Educação Física. No entanto, este enfoque, muitas vezes, compromete o entendimento do lazer de modo a restringi-lo ao fazer uma atividade física que, por sua vez, contribui para uma série de equívocos, que levam a não consideração do seu aspecto educativo. Nesta perspectiva, considerar o lazer nas suas relações com a Educação Física

significa levar em conta as possibilidades que as práticas de lazer oferecem enquanto oportunidades para a educação pelo movimento, vendo o homem na sua totalidade,

como indivíduo participante de uma sociedade preocupado e integrante do movimento também dessa sociedade, na busca de uma nova ordem; e ainda, levar em conta a Educação Física que se processa fora do âmbito da escola, e a necessidade de integração da ação formal e não-formal no processo educativo (MARCELLINO, 1987, p. 152).

Há outra questão para a qual o autor chama a atenção: quando o lazer é considerado objeto de educação pela Educação Física, deve-se compreender que a prática das atividades físicas no tempo disponível demanda aprendizado e, portanto, é fundamental considerar esse princípio, para depois pensar e iniciar os conteúdos. Assim, a formação profissional ultrapassaria, no que se refere à prática física, o “fazer” pelo “simples” fazer.

Por fim, destacamos o que tem sido observado em relação aos cursos de formação. No que se refere aos conteúdos, em estudo realizado por Valente (1995) a respeito da disciplina Recreação e Lazer, concluiu-se que existia dificuldade, por parte das instituições pesquisadas que tinham esta disciplina no currículo, quanto à produção e apropriação do conhecimento específico. Ao mesmo tempo, existiam iniciativas que precisavam ser valorizadas para que conhecimentos científicos fos-

sem produzidos e sistematizados voltados para a prática pedagógica. Marin (2002), referindo-se à mesma disciplina, destaca a necessidade de ela tomar outra direção, de modo que se afaste da idéia de tratar apenas das técnicas recreativas e que a pesquisa na área seja valorizada durante todo o processo de formação.

Werneck (1998) partilha dessa opinião quando verifica que na maioria dos cursos de formação o conteúdo privilegia os aspectos técnicos, os jogos e as brincadeiras "tradicionais" de recreação e lazer, contribuindo para um consumo acrítico das atividades. A relação entre teoria e prática é desequilibrada nas propostas pedagógicas dos cursos da área. Esse quadro acaba limitando a atuação profissional e, conseqüentemente, as vivências e contribuições para as pessoas e os coletivos em contato com o profissional específico.

Especificamente em relação ao profissional, Marcellino (2000) destaca também o fato de muitas vezes ele precisar "vender sua personalidade", infantilizar-se e até mesmo trabalhar, no sentido de esconder condições insuficientes do trabalho, em spas, hotéis, clubes, entre outros espaços e tempos de lazer contemporâneo. Para que essa situação mude, o autor afirma que é preciso uma atuação diferenciada da parte do profissional: aprofun-

damento nos estudos e discussões, de um lado e de outro a necessidade das faculdades e cursos darem mais atenção para a graduação, às pesquisas e aos intercâmbios entre instituições.

Nesse sentido, a preparação do profissional para atuar na área pressupõe uma revisão a respeito da política de mercado voltada apenas para o consumo e da compreensão reducionista de lazer. No que se refere à formação oferecida pelas universidades públicas, Silva (2000) afirma que elas "[...] não podem tornar-se míopes para as necessidades que o mercado de trabalho aponta. Não podem, igualmente, submeter-se acriticamente a este mercado, 'servir' a este" (p. 190). O autor ressalta que o profissional formado deve atuar criticamente, no sentido de questionar e até mesmo contrapor-se ao mercado de trabalho.

Assim, não só a universidade mas os diferentes cursos de formação são fundamentais para capacitar profissionais que contribuam para criar oportunidades de acesso ao lazer e aos seus diferentes conteúdos, para direcioná-los aos diferentes grupos e para dar mais atenção aos sujeitos que irão vivenciar o lazer e não apenas consumi-lo.

Relato e análise

Como vimos o lazer mercadológico ocupa um espaço importante tanto no que se refere às opções de lazer como à preparação do profissional envolvido. No entanto, estudiosos da área já tratam criticamente esta questão (MASCARENHAS, 2004). Com o intuito de fazermos um contraponto a esse aspecto apresentamos um relato sobre uma pesquisa realizada em São Carlos – SP que buscou verificar como o lazer acontece no âmbito público. O tema central era as políticas públicas de lazer da cidade, que também considerou instituições privadas que mantinham algum tipo de parceria com a prefeitura. As políticas, entendidas como ações que se fundamentam em diretrizes e metas dirigidas para pôr em prática serviços e atividades, no caso, de lazer, é uma dimensão da discussão do lazer que pode contribuir na reflexão sobre os conteúdos pertinentes à formação profissional e, ao mesmo tempo, pode fomentar a constituição de propostas que sejam adequadas e viáveis com base no perfil da cidade e da sua população.

Para o desenvolvimento do tema proposto também foi considerado o caráter histórico, a memória que preserva a cidade da destruição e, ao mesmo tempo, indica as transformações que encaminham o fenômeno do lazer. Por meio de pesquisa iconográfica¹ identificamos, por exemplo, que antigos locais públicos de lazer atualmente são ocupados para outros fins: um parque municipal hoje dá lugar a uma escola de ensino infantil e uma praça pública ao mercado municipal. Também foi possível observar o estado de conservação ou de deteriorização dos espaços, assim como a ocupação de áreas da cidade com novos espaços de lazer, como o shopping center. São elementos que demonstram os reflexos do processo de urbanização e industrialização e das mudanças no mundo do trabalho nos espaços e tempos do lazer.

No mapeamento dos locais e políticas públicas de lazer² para a cidade não encontramos projetos específicos para o setor e poucas foram as intervenções desenvolvidas pelo profissional. Não havia uma política, uma proposta de lazer, com princípios, diretrizes, objetivos e

¹ Atualmente a prefeitura, em parceria com a Universidade Federal de São Carlos, realizou a I Conferência Municipal de Esportes e Lazer em busca de diretrizes para a formulação de uma política pública de lazer para a cidade de São Carlos.

² As referências à memória da cidade dizem respeito, predominantemente, ao período compreendido entre 1850 e 1960. Considerando a dificuldade em obter documentos e informações relativas a outros períodos optamos por fazer contraponto a partir da década de 1990.

estratégias. O que encontramos foi um cronograma do conjunto de eventos promovidos pela prefeitura - de caráter esportivo (jogos e campeonatos) e artístico (festas cívicas) - e alguns dos espaços públicos (ginásios, museus, praças, etc.) estavam ociosos, a piscina municipal pode ser exemplo (FREITAS & CARVALHO, 1999).

Os dados encontrados na pesquisa refletem visões limitadas e parciais quanto ao conceito de lazer, que restringem o entendimento de seus conteúdos como tem chamado atenção MARCELLINO (1990). Na mídia, os conteúdos do lazer estão associados ao fenômeno esportivo, com seus valores e significados particulares perceptíveis no jogar ou assistir ao futebol no final de semana, nas artes, no cinema, nos shows e no teatro. Mesmo as instituições públicas que passaram a incorporar o termo lazer em repartições de prestação de serviços, acabam associando-o a setores exclusivos (MARCELLINO, 1990). Desse modo, o "caráter parcial e limitado que se observa quanto ao conteúdo dificulta o estabelecimento de ações específicas" (p.206), de modo a interferir nas ações pedagógicas do profissional de Educação Física no campo do lazer, em particular no espaço público.

Nesse trabalho verificamos que o espaço público é um campo de atuação pouco explorado.

Vários deles são mais do que suficientes para a inserção do profissional específico mas muitas vezes não são reconhecidos pelos próprios profissionais. Os diversos locais públicos como ginásios, campos e praças, que se constituem em possibilidades de maior acesso, podem ser ocupados pela comunidade e pela categoria profissional em questão, por meio de projetos construídos conjuntamente com os diversos atores – comunidade, conselhos, associações, as diversas instâncias governamentais e profissionais - direcionando-os para a prática educativa do lazer considerando interesses, necessidades e desejos de pessoas e coletivos. No entanto, os dados encontrados chamam a atenção para a necessidade de um maior investimento humano, técnico e financeiro nesse setor.

Considerações finais

Diante deste quadro, é possível tecer algumas considerações: observamos que o mercado de trabalho no lazer cresce, no entanto está intimamente relacionado ao consumo de bens e serviços, condicionados pela urbanização e pela indústria cultural; e a formação do profissional de Educação Física parece ainda focada nos elementos práticos, nas atividades recreativas, visão pobre de lazer e de formação para o lazer.

Como, então, formar no sentido de propor um caminho viável e responsável para um outro lazer, cuja questão norteadora não fosse o mercado e o lazer como mercadoria, mas a necessidade de se deslocar o problema central no sentido de priorizar as pessoas e coletivos que não têm acesso ao lazer?

Para respondermos a essa questão, faz-se necessário que a Educação Física reconheça a importância de enfrentar esse debate relativo à formação profissional para o lazer. As possibilidades que o mesmo oferece, em termos de discussão e intervenção, sobretudo no que se refere à vida, pode significar novos caminhos para a categoria profissional específica. Nesse sentido, valorizar o potencial dos espaços públicos para propiciar a construção de vínculos, de relações co-responsáveis, mais fraternas e solidárias por meio do elemento lúdico pode fortalecer o campo de ação do profissional, favorecer a questão do acesso, além de ampliar o entendimento sobre o que se pensa e se faz acerca do lazer.

Para tanto é preciso iniciativas conjuntas, ou seja, a responsabilidade não está apenas vinculada ao poder público, às prefeituras, contratando profissionais que desenvolvam projetos na área, mas ao próprio profissional que deve ter clara essa possibilidade e reconhecer no lazer e no espaço público, neste

caso, um campo de atuação estratégico para modificar saberes e práticas. O relato apresentado anteriormente é um indicativo desta necessidade: havia espaços disponíveis, mas sem políticas definidas e sem o envolvimento direto do profissional de Educação Física. É nesse sentido que entendemos como fundamental o papel dos cursos de formação: propiciar ao profissional condições de compreender a importância do lazer na vida das pessoas e da cidade, possibilitando o acesso também no que se refere à diversidade dos conteúdos e que, paralelamente, capacite para construir conjuntamente com outros atores propostas e políticas públicas cujo eixo norteador seja a pessoa e o coletivo.

A formação profissional, sob nosso ponto de vista, deve estar relacionada ao perfil profissional que se espera formar - não só para o mercado de trabalho imediato, mas também para o emergente e ainda para os espaços de intervenção em pesquisa e formulação de políticas públicas para a área específica. A formação dirigida para estes perfis de profissionais implica em relevar a responsabilidade social da universidade, dos cursos de formação, dos profissionais formados, assim como priorizar as necessidades sociais de uma sociedade extremamente heterogênea no que se refere às condições econômicas, culturais, políticas e sociais como a brasileira.

Referências

- ALVES, F. M. Entre o ócio e o negócio: teses acerca da anatomia do lazer. Tese de Doutorado. Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física. Campinas: 2004.
- ANDRADE FILHO, N. F. Formação profissional em educação física brasileira: uma súmula da discussão dos anos 1996 a 2000. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte, Campinas*, v. 22, n. 3, p. 23-37, 2001.
- FREITAS, F. F.; CARVALHO, Y. M. A "imagem" do lazer na cidade de São Carlos – SP. *Motriz, Rio Claro*, v. 5, n. 1, 1999.
- LIPOVETSKY, G. O império do efêmero. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- MARCELLINO, N. C. Lazer e educação. 2. ed. Campinas: Papyrus, 1990.
- _____. Lazer na atualidade brasileira: perspectivas na formação/ atuação profissional. *Licere, Belo Horizonte*, v. 3, n. 1, p. 125-133, 2000.
- _____. A educação pelo movimento na educação para o movimento. In: *Fundamentos pedagógicos da educação física*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1987.
- ISAYAMA, H. F. O profissional de educação física como intelectual: atuação no âmbito do lazer. In: MARCELLINO, N. C. (Org.). *Formação e desenvolvimento de pessoal em lazer e esporte*. Campinas: Papyrus, 2003.
- MARIN, E. C. Currículo e formação do profissional do lazer. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte, Campinas*, vol. 23, n. 1, p. 123-129, 2002.
- PARKER, S. A sociologia do lazer. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1976.
- PINTO, L. M. S. de M. Lazer e mercado. *Licere, Belo Horizonte*, v. 3, n. 1, p. 182-188, 2000.
- SILVA, S. R. Lazer e mercado na universidade. *Licere, Belo Horizonte*, v. 3, n. 1, p. 189-196, 2000.
- SZMRECSANYI, M. I. Lazer e consumo: espaços públicos e semipúblicos no cotidiano urbano. In: BRUHNS, H. T.; GUTIERREZ, G. L. (Orgs.). *Representações do lúdico: II ciclo de debates "lazer e motricidade"*. Campinas: Autores Associados, 2001.
- VALENTE, M. C. A disciplina recreação e lazer no currículo de formação de profissionais de educação física: o que dizem e fazem professores do nordeste do Brasil. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte, Campinas*, vol. 16, n. 2, p. 140-142, 1995.
- WERNECK, C. L. G. Lazer e formação profissional na sociedade atual: repensando os limites, os horizontes e os desafios para a área. *Licere*, v. 1, n. 1, p. 47-65, 1998.

WIRHT, L. O urbanismo como modo de vida. In: VELHO, O. G. O fenômeno urbano. 4. ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979.

Endereço: Av. Presidente Vargas, 1759, Carmo. Araraquara – SP, CEP: 14800-005 e-mail: fabianafreitas@yahoo.com.br

Recebido: mar/2006
Aprovado: maio/2006